

DOI: <https://doi.org/10.30749/2594-8261.v1n1p144-152>

**DRUMMOND – UMA REFERÊNCIA CONSTANTE NA MODERNA POESIA
AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

***DRUMMOND – A CONSTANT REFERENCE IN THE MODERN AFRICAN
POETRY OF PORTUGUESE LANGUAGE***

Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco¹

Resumo: Carlos Drummond de Andrade foi e continua a ser uma marcante referência para a poesia africana de língua portuguesa. Durante as lutas pela libertação em Angola e Moçambique e nos anos seguintes, os poemas de **Sentimento do mundo**, **José** e **A Rosa do povo** se tornaram paradigmas de gerações de poetas comprometidos com o social, com a denúncia da "noite fascista", entre os quais: Luis Carlos Patraquim, Eduardo White, Paula Tavares e outros.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade. Poesia pós-1980 de Angola e Moçambique.

Abstract: Carlos Drummond de Andrade was and continues to be a striking reference for Portuguese-speaking African poetry. During the struggles for liberation in Angola and Mozambique and in the following years, the poems of **Sentimento do mundo**, **José** and **A Rosa do povo** became paradigms of generations of poets committed to the social, denouncing the "fascist night" among the Luis Carlos Patraquim, Eduardo White, Paula Tavares and others.

Keywords: Carlos Drummond de Andrade. Post-1980 poetry of Angola and Mozambique.

¹ Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1976), Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992) e Pós-Doutora pela Universidade Federal Fluminense, com estágio na Universidade Politécnica de Moçambique (2009-2010). Profa.Titular de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa/ UFRJ. CNPq, FAPERJ.

1 INTRODUÇÃO

Carlos Drummond de Andrade foi e continua a ser uma marcante referência para grande parte da poesia africana de língua portuguesa. Nos anos de luta pela libertação em Angola e Moçambique, os poemas de **Sentimento do mundo**, **José** e **A Rosa do povo** se tornaram paradigmas de uma geração de poetas comprometidos com o social, com a denúncia da "noite fascista" a "dissolver os homens e as palavras". Era "tempo de divisas/ tempo de gente cortada, de mãos viajando sem braços" (ANDRADE, 1967, p.144). Era "tempo de meio silêncio/ de boca gelada e murmúrio/palavra indireta, aviso/ na esquina./Tempo de cinco sentidos/ num só" (ANDRADE, 1967, p.146). Assim como Drummond acusou a ditadura brasileira do Estado Novo, diversos poetas angolanos e moçambicanos também criticaram, nos anos 1960 e 70, o autoritarismo dos tempos salazaristas. O presente estudo versa sobre os diálogos entre as poesias de poetas africanos de Língua Portuguesa, como Luis Carlos Patraquim (1980), Eduardo White (1996), Paula Tavares (1995, 1998, 1999, 2001) e outros, com o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade.

2 DESENVOLVIMENTO

O poeta moçambicano Luís Carlos Patraquim, por exemplo, apesar de pertencer a um período posterior, tendo publicado seu primeiro livro **Monção** em 1980, alude a essa época de censura e medo em seu país: "quando o medo puxava lustro à cidade/ eu era pequeno/ vê lá que nem casaco tinha/ nem sentimento do mundo grave/ ou lido Carlos Drummond de Andrade (...)" (PATRAQUIM, 1980, p.27-28). Embora anuncie nesse poema a "monção", metáfora da Independência e do fim dos tempos coloniais, o sujeito poético, intertextualizando seus versos com os de Drummond, sabe que ainda é preciso exorcizar o medo, há séculos, instalado em Moçambique. Consciente das mutilações físicas e mentais sofridas por grande parte do povo moçambicano, aponta para a urgência de se restaurarem as emoções

individuais bloqueadas pelos anos de arbítrio exacerbado, exaltando, então, a importância de cantar o amor, o desejo, os sonhos, a imaginação.

O lirismo de Patraquim é carnívoro, por intermédio do recurso à metalinguagem, seus versos se erotizam, a plasticidade verbal se intensifica e sua poiesis se transforma em paixão, em "escrutínio de um sexo fundo com palavras". Nesse aspecto, sua poética se aproxima da lição drummondiana: "penetra surdamente no reino das palavras" (ANDRADE, 1967, p. 139) e, no avesso destas, encontra uma saída para o impasse da poesia engajada que já estava desgastada em Moçambique nos anos 1980, depois da euforia da libertação.

Eduardo White é outro poeta moçambicano que confessa sua sedução por Drummond, tendo declarado, em entrevista a Michel Laban:

Carlos Drummond de Andrade é o poeta que mais me toca porque consegue trabalhar a violência da realidade com toda a beleza e a seriedade com que os olhos de um poeta podem ver essa realidade. Estou-me lembrando do poema do distribuidor de leite, do menino que morre com um tiro, onde o sangue se cruza com o leite derramado. Isso é o Brasil _ mas é toda essa violência do Brasil dita com poesia. E mais me toca profundamente porque é também o que eu procurei no País de mim: foi falar do amor, mas não do amor desajustado da realidade _ quer dizer, o amor que a gente foi capaz de fazer, fomos capazes de dar e de receber, mesmo na realidade violenta que foi a guerra no nosso país. Aí eu aprendi muito com o Mestre Drummond de Andrade. (LABAN, 1998, p. 1203).

A temática do amor, o constante labor em relação ao verbo poético, a busca permanente da beleza estética não são, no entanto, as únicas afinidades entre esses dois poetas. Ambos operam com uma *poiesis* de sonhos e "relembrações", procurando, no passado, imagens antigas, essenciais à recomposição da fraturada identidade. Como sonhadores à deriva, reinventam a poesia da realidade. Mergulham nos desvãos das palavras, recriando a linguagem em combinações inusitadas, reivindicando para os homens a capacidade de amar e imaginar.

A preocupação com o humano também é presente na poesia de Drummond. No livro **As Impurezas do Branco**, o sujeito poético focaliza a paisagem da incomunicação no contexto da mídia contemporânea. Sob os destroços das palavras e do ritmo agressivo das propagandas, a voz lírica, em meio às notícias sobre as viagens espaciais que, nos finais dos anos 1960, dominaram os noticiários dos

jornais e da televisão do mundo todo, percebe, entretanto, a grande solidão moderna e alerta para a necessidade de o ser humano ainda ter de se conhecer profundamente: Restam outros sistemas fora/ do solar a col-/onizar./ Ao acabarem todos/ só resta ao homem/(estará ele equipado?)/ a difícilíssima dangerousíssima viagem/ de si a si mesmo: (...) (ANDRADE, 1974, p. 21-22). Senhor do arco e da lira, Drummond (1983) faz da poesia “paixão medida”, construção que reconhece o Amor como magma da existência.

Também em Angola, a poética do pós-independência opera com a busca do humano e a metapoesia, sendo Drummond, muitas vezes, intertextualmente convocado. Na encruzilhada de um lirismo participativo e existencial, diversos poetas angolanos procuram decifrar tanto os enigmas sociais, como os das palavras e os da própria existência.

João Maimona é uma dessas vozes poéticas, em cuja obra a presença drummondiana é reverenciada. Transcrevemos a seguir um fragmento de seu "Poema para Carlos Drummond de Andrade": é útil redizer as coisas/ as coisas que tu não viste/ no caminho das coisas/ no meio do teu caminho.// (...)// fechaste os teus dois olhos/ aos ombros do corpo do caminho/ e apenas viste uma pedra/ no meio do caminho// no caminho doloroso das coisas (MAIMONA, 1993, p. 103). Tanto em Drummond, como em Maimona, a pedra alegoriza as dificuldades da vida, mas o poeta angolano ressignifica o uso dessa alegoria, propondo que os obstáculos e os sofrimentos não impeçam o caminhar. Das entrelinhas de seu poema, depreendemos que o redizer poeticamente o "caminho doloroso das coisas" é uma forma de resistir às tragédias do cotidiano de Angola.

Contemporânea de Maimona, Paula Tavares é outra representante da atual poesia angolana que também reflete sobre a guerra. Sangue e amargor, voz e silêncio, amor e catástrofe, ritos e tradições, vida e morte, tempo e exumação – alguns dos vetores alegóricos que perpassam pelos poemas de **Dizes-me coisas amargas como os frutos** (TAVARES, 2001), terceiro livro de poesia de Paula Tavares, quarto título de sua obra constituída por Ritos de passagem (TAVARES, 1985), O sangue da buganvília (TAVARES, 1998) e O lago da lua (TAVARES, 1999).

"Dizes-me coisas amargas como os frutos", epígrafe do primeiro poema que dá título e esse terceiro livro de poesia de Paula, é um provérbio do repertório das tradições dos Cuanhamas², etnia do sul de Angola que habita uma zona vizinha à Huíla, província localizada no sudoeste angolano, região dos povos Muílas³, onde nasceu, em 1952, na cidade do Lubango, Ana Paula Tavares, cuja descendência mescla as origens portuguesas da mãe e as cuanhamas advindas da avó paterna.

Na poética de Paula Tavares, predominam, portanto, elementos do imaginário cultural do sul de Angola, recriados por uma linguagem estética de intensa elaboração e condensação poética que opera com as formas fixas da tradição oral, entre as quais: os provérbios, as frases curtas, as metafóricas lições morais. Ao enveredar pelos caminhos literários, Paula optou por trabalhar com essas fórmulas da oralidade, reatualizando-as, em seus poemas caracterizados pela economia e síntese verbal. Reinventa, desse modo, provérbios e ensinamentos da tradição dos povos da Huíla, efetuando um ritual de reencenação das vozes dos antigos *griots*. Seguindo o exemplo desses mais-velhos, a poesia de Paula se faz também guardiã da palavra e da memória ancestrais.

Desde seu primeiro livro, **Ritos de passagem**, o eu-lírico assume a rebeldia do grito e denuncia práticas autoritárias oriundas tanto dos valores morais lusitanos herdados, como dos preceitos ditados pela tradição angolana. Em relação a esta, por exemplo, critica o alambamento, uma forma de dote que prescrevia a troca das noivas por bois ou cereais. Insurge-se também contra outros costumes cerceadores da liberdade feminina como o uso da tábua corretora que obrigava, nessa etnia, as meninas e moças a uma postura ereta, perfeita: Cresce comigo o boi com que me vão trocar/ Amarraram-me já às costas a tábua de *Eylekessa* / (...) / Trago nas pernas as pulseiras pesadas/ Dos dias que passaram.../ Sou do clã do boi. (TAVARES, 1985, p.27).

Declarando-se desse clã de pastores, o sujeito lírico reconhece que sua identidade se acha intimamente vinculada aos signos do gado e aos sabores

² Cuanhamas são populações pertencentes à comunidade étnica Ovambo e habitam, principalmente, a província do Cunene, no sul de Angola.

³ De acordo também com Virgílio Coelho, diz-se na língua vernácula, *Ovamwila* (singular *Mwila* ou *Mumwila*), populações integrantes da comunidade étnica *Nyaneka-Nkhumbi*, na província da Huíla.

característicos dessas terras do sudoeste angolano. O odor do couro de boi se desprende dos três livros de poesia de Paula Tavares.

A partir de **O lago da lua**, esse cheiro aparece associado sempre às sandálias do amado falecido e passa a impregnar suas entranhas de poeta e de mulher, marcando com o seu perfume as fronteiras do seu quarto (TAVARES, 1999, p.19) e os sentidos profundos de seus versos. Essa presença bovina é tão forte, que, em *Dizes-me coisas amargas como os frutos*, o sujeito poético, em meio ao caos em que se encontra, invoca o "boi verdadeiro" (TAVARES, 2001, p.7) e a "vaca fêmea" (Tavares, 2001, p.29) como figuras-tutelares que o poderão guiar pelos meandros da poesia, fazendo despertar, novamente, a inspiração estética, adormecida pelos sofrimentos coletivos, causados pelas guerras desencadeadas em Angola, e pela dor individual provocada pela ausência definitiva do amado.

Assim, na antecena do primeiro conjunto de poemas desse livro, clama pelo boi mítico, cuja polissêmica simbologia aponta para a calma, a doçura, a força pacífica, a bondade, a capacidade de trabalho e de renovação necessárias ao seu país destruído por tanta fome, tanta miséria, tanto sangue derramado: Boi, boi,/ Boi verdadeiro,/ guia minha voz/ entre o som e o silêncio (TAVARES, 2001, p.7).

Boi, "boitempo", "boi da paciência", metáfora das ruminações da memória. Alegórica imagem de uma história de silêncios, de sons que se perderam através dos séculos, pelos planaltos da Huíla e pela areia do deserto vizinho. Ligado também aos ritos da lavoura sagrada, da fecundação da terra, o boi é um dos animais sacrificiais oferecidos aos deuses do panteão religioso dos povos pastores dessas regiões angolanas, sendo considerado intercessor entre os vivos e os mortos.

O culto aos antepassados é uma prática comum aos povos *bantu*⁴ de Angola, os quais sempre acreditaram no poder advindo dos ancestrais, em termos de aconselhamento e de circulação da força vital.

Para enfrentar a catástrofe pessoal e social, o sujeito lírico de *Dizes-me coisas amargas como os frutos* realiza, literariamente, uma espécie de "cerimônia do

⁴ Os *Vatwa* (singular *Twa*) constituem, segundo Virgílio Coelho, uma das comunidades mais antigas que se fixaram em Angola, sendo anteriores aos *Bantu*.

adeus", dando a esta não a conotação funérea que a morte tem para o Ocidente, mas, sim, a significação angolana dos rituais de óbito tradicionais, através dos quais empreende uma catarse da amargura, da "escarificação das lágrimas" e das feridas gravadas na própria pele, para que vida e morte voltem a se entrelaçar em ciclos míticos de eterno retorno, conforme a cosmovisão africana da existência.

Dizes-me coisas amargas como os frutos pode ser lido, portanto, como um rito poético de exumação: do corpo do amado, do corpo de Angola, do corpo da própria poesia da autora, que, desde **O lago da lua**, começa a "trocar de pele" (TAVARES, 1999, p.15) e se abrir em carne viva a novas metamorfoses.

Carlos Drummond de Andrade, em seu livro **Boitempo II**, no qual tece uma poesia da memória, atribui a esta a faculdade de ressuscitar o passado morto e por isso fala de "um tempo duplo da exumação": Seu olhar parado é pleno / de coisas que passam/ (...) / e ressuscitam/ no tempo duplo/ da exumação. (ANDRADE, 1987. p.13).

É necessário, entretanto, atentar para o fato de que a palavra "exumar", geralmente associada, no Ocidente, à semântica fúnebre de "desenterrar ossos e cadáveres", apresenta também o significado de "tirar do esquecimento". E é justamente com base nessa última acepção que a poesia de **Dizes-me coisas amargas como os frutos** pode ser interpretada como um "duplo ato de exumação": no nível do enunciado, desenterra da memória as perdas sofridas pelo eu-lírico, porta-voz metonímico das dores do povo e das mulheres de Angola; no nível da enunciação, realiza uma procura arqueológica dos mitos, das formas fixas da oratura, dos ritos e costumes característicos de etnias do sudoeste angolano, reinscrevendo-os, de modo crítico, no corpo e no ritmo da própria linguagem poética que, embora busque recuperar as origens culturais, se revela, o tempo todo, moderna e transgressora.

Drummond, em seus poemas de **Boitempo**, também adentra os recantos da memória. Benjaminianamente (BENJAMIN, 1984), o eu-lírico dos poemas repensa os cacos de sua história pessoal, as reminiscências familiares. Regressa, em sonhos e lembranças, à fazenda paterna em Itabira, cidade de Minas Gerais onde nasceu, encontrando aí várias das explicações para sua atual dissonância. Cada objeto, cada recanto emerge do baú das recordações e a história é redesenhada: tanto a

peçoal, como a coletiva. O Brasil patriarcal ressurgue dessa incursão à casa de Itabira. A opressão do pai em relação aos empregados é denunciada e a ela é associada a história remota da escravidão. A mancha de sangue tatuada no degrau (ANDRADE, 1987, p. 48) traz a recordação da tortura dos negros, das muitas injustiças praticadas.

No presente lírico, o eu-poético adulto tenta resgatar do outrora a imagem do menino gauche, sensível, mas incompreendido pelos familiares. Por intermédio do jogo lúdico da linguagem e do lúcido esquadrihar da memória, procura recuperar a história pretérita, reconstruindo sua genealogia. Investiga, então, os significados de seus nomes, pronunciando-os magicamente, liberando o abafado canto das origens (ANDRADE, 1987, p. 61). Ao apreender a história do Menino-Antigo que ele próprio fora, tece correlações entre sua infância reprimida e o autoritarismo que sempre marcou a história do Brasil. A mineração, a relação senhor versus escravo, o Império, a República são reavaliados, sendo criticados os mecanismos repressivos que impediram a livre construção de uma identidade nacional. Sob os cacos de louça quebrada há muito tempo (Andrade, 1987, p. 144), o sujeito poético encontra o itinerário dos avessos, "o subterrâneo dos sonhos", os fantasmas do passado.

A imagem do boi, ou seja, do boitempo, funciona, desse modo, na poesia de Drummond e na de Paula Tavares, como alegoria do ruminar da memória, do adentrar nas camadas do outrora, ao enalço das próprias raízes submersas nas ruínas do tempo e da história.

3 CONCLUINDO...

Observamos a presença de Drummond nos vários poetas analisados. Nestes e no poeta brasileiro, os sonhos e a memória se fazem itinerário de Eros. O corpo dos poemas se transforma no corpo erótico das próprias palavras e imagens, tatuagens inscritas na pele metafórica da linguagem. Desejo e musicalidade se fazem veículo de poéticas que buscam fugir dos traumas e feridas das guerras, procurando, no fluir do tempo e da vida, alcançarem uma cópula imemorial com as origens e tradições, para aí descobrirem o Amor pleno e a Beleza estética,

desfrutando, assim, da consciência fugaz do misterioso absurdo do prazer provocado pelas artes e pelo existir humano.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1967. 1068 p.

_____. **As Impurezas do branco**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1974. 126 p.

_____. **Boitempo I, II, III**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1987. 190 p., 248 p., 171 p.

_____. **A paixão medida**. In: _____. **Nova reunião**. Rio de Janeiro: INL; Fundação Pró-Memória, 1983. p. 556-569.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984. 253 p.

COELHO, Virgílio. **Jornal Angolense**, Luanda, ano IV, n. 139, p. 16-17, 14-21 jul. 2001.

LABAN, Michel. **Moçambique: encontro com escritores**. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1998. v. III.

MAIMONA, João. **Quando se ouvir o sino das sementes**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1993.

PATRAQUIM, Luís Carlos. **Monção**. Lisboa: Edições 70, 1980. 60 p.

TAVARES, Ana Paula. **Dizes-me coisas amargas como os frutos. Poemas**. Lisboa: Ed. Caminho, 2001. 46 p.

_____. **O lago da lua. Poemas**. Lisboa: Ed. Caminho, 1999. 55 p.

_____. **Ritos de passagem: poemas**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985. 37 p.

_____. **O sangue da buganvília. Crônicas**. Praia; Mindelo: Centro Cultural Português, 1998. 163 p.

WHITE, Eduardo. **Os materiais do amor seguido de O desafio à tristeza**. Lisboa: Ed. Caminho, 1996. 81 p.